



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: *Talaba-Lisbon* — Telefone 6339 C.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

(1) A CONFERÊNCIA PRELIMINAR DA Internacional Sindicalista

EFFECTUADA EM BERLIM, DE
16 A 21 DE DEZEMBRO DE 1920

Reportagem de A. Souhy, para GUERRA DI CLASSE
Trad. do italiano de Perfeito de Carvalho

A guerra veio interromper as relações e entendimentos entre os organismos sindicais dos vários países. Tornava-se necessário restabelecer essas relações internacionais. Em consequência das revoluções russa e alemã a situação internacional transformou-se profundamente, e o eixo de gravitação do movimento operário foi transferido do Ocidente para o Oriente. Esta circunstância induziu alguns sindicalistas, particularmente os de Itália e de Espanha, a voltar-se para Moscú. Foram ao terceiro Congresso da III Internacional de Moscú; no regresso, concordaram que o seu posto não era à mesa da Internacional política, e manifestaram, ao atravessar a Alemanha, o seu desejo de constituir uma Internacional Sindicalista. Os sindicalistas reconheceram que além dos interesses dos vários partidos revolucionários havia interesses comuns que requeriam uma comum manifestação em bases internacionais. Foi esta a razão que levou a *Freie Arbeiter Union Deutschland* (União livre dos trabalha-

dores alemães) a promover, de acordo com os sindicalistas da Espanha, Holanda e Suécia, uma conferência preliminar em Berlim. Esta conferência realizou-se em Berlim, de 16 a 21 de Dezembro de 1920.

A representação

Estavam representados os seguintes países e as seguintes organizações:

Estados Unidos. — Industrial Workers of the World (I. W. W.), 100.000 membros. Delegado: George Hardy.

Argentina. — Federação Obrera Regional Argentina do V Congresso, compreendendo as seguintes organizações: Trabalhadores das docas, 47.000; Trabalhadores de transportes, 43.000; Trabalhadores rurais, 28.000; Federação Provincial de Santa Fé, 35.000. No total, aproximadamente, 200.000 membros, segundo as declarações do delegado: Tom Barker.

Frância. — Comité Syndicaliste Révo-

lutionnaire: 961 grupos locais com 300.000 membros. Delegados: Victor Giondolle e Jean Cepe.

Grã-Bretanha. — Shop-Stewards and Workers Committee Movement, 200.000 membros. Delegado: Jack Tanner.

Holanda. — National Arbeidssecretariaat, 12 federações, 40.000 membros. Delegados: B. Lamsink jun., E. Bowmann.

Alemanha. — Freie Arbeiter-Union (Der Syndikalist), 450 grupos locais, 6 federações, 150.000 membros. Delegados: Fritz Kater, Max Winkler, Rudolf Rocker, August Souhy, Franz Barwick, Theodor Plivier, Gast Pogossky.

Tchecoslováquia. — 2.000 membros representados.

Suécia. — Sveriges Arbetare Centralorganisation (S. A. C.), 32.000 membros. Delegado: Franz Severici.

O que dá um total de 1.024.000 membros representados.

A Dinamarca. (Landsforbund Fagzombandsunionen Sammenlutning), estava ausente mas justificava a falta.

Também a Espanha e a Itália faltavam, porque precisamente nestes países os sindicatos estavam sendo perseguidos e os seus membros estavam sendo presos.

Estavam ainda presentes Milan Mikailoff, do Partido Libertário Comunista de Paris; S. Belinsky com a r. Heimann, por parte do Conselho da Internacional dos Sindicatos Vermelhos da Rússia; e Hirny, do Partido Comunista da Rússia.

A inauguração

A conferência foi aberta pelo companheiro Winkler, que deu as boas vindas aos delegados presentes. Foi escolhido para presidente o companheiro Rocker. Lamsink propôs que na ordem do dia se succedam as questões pela maneira seguinte:

a) Troca de ideias;

b) Política da organização sindical;

c) Relações com a Internacional de Amsterdam;

d) Relações com a Internacional de Moscú;

e) Ideias que devem propagar-se no presente momento.

Cappe (Frância) propôs que se reinam os dois pontos: Amsterdam e Moscú.

Depois disto os vários delegados expõem, num breve relato, a situação dos sindicalistas no movimento operário dos seus países.

Estados Unidos

Hardy (Norte-América) descreve as perseguições sofridas pela I. W. W. e a situação deste organismo na Internacional.

Por este relatório se fica sabendo que na América o capitalismo, influenciando a máquina do Estado, procede com inexorável rigor contra os operários sindicais.

Na maior parte dos Estados da Norte-América votaram-se leis contra o «criminoso sindicalismo», como lhe chamam. Nos acontecimentos de Chi-

cago (Setembro de 1917) foram condenados a 20 anos de prisão 18 companheiros, 38 a 10 anos, 33 a cinco anos, e 12 a 1 ano. Em Sacramento, Califórnia, 38 dos mais activos companheiros foram condenados de 2 a 10 anos. Em Kansas, 36 companheiros foram condenados a penas variando de 1 a 10 anos. No Texas, os nossos companheiros Rangel e Clinz sofreram a pena de 9 anos, por «vários delitos». Além destes, muitos outros foram condenados de 1 a 10 anos. Ao todo 200 condenações. Em toda a América, encontram-se agora nos cárceres cerca de dois mil membros da I. W. W.

A situação dos I. W. W. na Internacional é assim exposta por Hardy: «O que se pretende é uma Internacional das organizações económicas e industriais de todos os países, livre de qualquer domínio, independente de todos os partidos políticos. A I. W. W. não pode aceitar as teses da III Internacional. Não concorda com a formação da III Internacional *estelar*. Não quer uma Internacional sob o alto domínio duma Internacional de partidos políticos. Contudo não quer pôr-se em luta com Moscú. Deseja uma Internacional e não duas. Por isso o comité central executivo deliberou recorrer ao chamamento de Moscú para criar lá uma Internacional juntando todas as organizações revolucionárias industriais-sindicalistas. Mas quando recebeu o convite para esta conferência preliminar enviou à Europa o seu secretário geral para que defendesse o ponto de vista da I. W. W., e possi-

velmente ajudasse a criar uma plataforma comum sobre a qual pudessem apresentar-se em Moscú os sindicalistas revolucionários.

O relatório alemão

Fala depois Winkler (Alemanha). Expõe a situação dos sindicalistas durante a guerra e acentua que contra os sindicalistas foram organizadas as maiores perseguições numa época em que os actuais comunistas se portavam como patriotas.

Quando depois veio a Revolução, e com ela o domínio da social-democracia, os sindicalistas não foram tratados melhor que no regime de Guilherme. O ministro Severini veio expressamente à frente a Berlim para ordenar a prisão dos nossos companheiros Peter e Rocker.

Durante o *putsh* de Kapp, embora não eubássemos o poder como os comunistas, sofreram muitíssimo sob a violência da reacção. Só em Werne Landgreder foram fuzilados 36 sindicalistas, isto numa pequena aldeia. Em Sommeida foram os sindicalistas particularmente atingidos, e um total aproximadamente dum milhão de companheiros caíram na luta contra a reacção.

No que respeita à Internacional, Winkler diz que se deve aclarar este ponto: os sindicalistas revolucionários querem ir para Moscú, devendo-se por isso criar imediatamente uma base sobre a qual se possa ingressar na III Internacional.

Winkler descreve depois rapidamente

os traços essenciais do sindicalismo alemão e demonstra que entre o sindicalismo internacional e o «industrialismo» não há diferenças nem de tática nem de princípios mas apenas uma diversidade na estrutura das organizações, etc., correspondendo ao desenvolvimento de cada país. Mas nos fins, e nos caminhos, a percorrer para a consecução destes fins, estão completamente de acordo.

Os sindicalistas franceses

O comp. Giondolle (Frância) fala em nome dos sindicalistas revolucionários franceses e refere que no seu país a minoria revolucionária está no seio da Confederação Geral do Trabalho. Mas no seio desta minoria não há uniformidade, pois nela se encontram representadas três correntes: anarquistas, sindicalistas revolucionários e socialistas-socialistas-comunistas. Todas as três correntes sustentam e defendem uma política favorável à República dos Soviéticos e aderiram já ao Conselho da Internacional dos Sindicatos Vermelhos, com sede em Moscú. Manifestam-se num sentido idêntico aos americanos, isto é, pretendem ir a Moscú e aí tomar parte na constituição duma única internacional sindical revolucionária. A questão do Estado da ditadura do proletariado e do comunismo não foi ainda bem esclarecida pelos franceses, porque há a este respeito três correntes.

(Continua)

O hábito de mentir

Volta *O Jornal*, órgão das empresas jornalísticas, a insistir nas suas mentiras. E' um hábito adquirido e que aqueles senhores praticam inconscientemente. De facto, eles não se apercebem de que mentem, tamanha a sua insensibilidade.

No seu número de ontem largava esta patranha:

A Federação do Livro e do jornal organismo da C. O. T., não é para brincadeira. Quando lança a sua garra revolucionária, e por isso mesmo bem acerbamente despótica, a qualquer classe ou a qualquer grupo, para não falarmos só dos indivíduos, ela não permite discrepâncias, nem hesitações, nem sofismas. Exige uma obediência cega. Muitos factos o comprovam, e o que vamos citar é, para o caso, o mais sugestivo e eloquente.

Como a direcção da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, anterior à actual, não tivesse podido coagir os seus consócios a impedir a publicação, nos jornais em que trabalhavam, de notícias que a C. G. T. julgava contrária à sua política de agitação incessante, sobretudo durante a greve ferroviária, que tantos prejuízos causou ao país e para os mesmos grevistas só deu resultados funestos, a Associação dos Trabalhadores da Imprensa foi irradada da Confederação Geral do Trabalho. Não dava a sua cota parte para a acção revolucionária. Era ex-pulsa, como indigna e rebelde à disciplina sindical. Mas nemouse outra direcção, e essa tratou de conseguir que a excomunhão se levantasse.

Josias, que tremendo!

Ora vejamos a verdade.

A irradiação da Associação dos Trabalhadores da Imprensa nunca se deu. Desafiámos *O Jornal* a comprová-lo. Essa afirmação tem tanto valor como esta: *O Jornal* é subsidiado por dinheiro alheio para fazer uma obra anti-patriótica. Este boato, que tem muito de possível, porquanto, todos o sabem, nunca as empresas jornalísticas se recusaram a publicar o que passasse pela Caixa, embora esse género de publicação servisse a defender os interesses menos legítimos, não sabemos se é verdadeiro, nenhuma prova material possuindo nós para garantir a sua veracidade. E' uma afirmação gratuita, tam gratuita como a que reproduzimos de *O Jornal*.

Mas a acusação de *O Jornal* não tem sequer a virtude da lógica. A Associação dos Trabalhadores da Imprensa não podia ser irradada da C. G. T. porque nela não está filiada directamente, mas sim na Federação do Livro e do Jornal. Mas nem mesmo deste organismo ela foi irradada. E' uma mentira e *O Jornal* não sabe senão mentir como mentiam cotidianamente os outros jornais.

As palavras que *O Jornal* põe na boca do delegado da F. L. J. deão outra fantasia. O que esse delegado disse, o muito bom, era que a Associação dos Trabalhadores da Imprensa, federando-se, adquiria direitos e contraíra deveres, os quais deveres, fundamentalmente, não consistiam apenas em pagar as suas cotas, mas fazer-se representar pelos seus delegados, devendo escolher para esse efeito

os que tivessem qualidades de assiduidade. Como se vê, tudo isto tem muito pouco de ditatorial, de arbitrário e do tóxico, segundo a descrição de *O Jornal*.

E, para fechar, *O Jornal* volta a dizer que *A Batalha* faz as claras a propaganda bolchevista. Transcrevemos, como réplica, o que dissonamos aqui, em editorial, em 20 de Setembro do ano pretérito:

Agitadores profissionais, agentes habituais de desordem, são classificações que nos não podem ser aplicadas com verdade e justiça. Revolucionários são, é certo, e sempre com inteiro desassombro o afirmamos. Mas revolucionários exactamente porque ambicionamos a verdadeira, a perdurável ordem que só pode existir numa organização social em que os interesses de todos livremente se equilibrem, a garantir uma harmonia inalterável.

Bolchevistas não o somos igualmente. A revolução russa é verdade que pode ser para nós um incentivo, mas nunca um modelo. Habitados a falar sem rebuço e sem temor, com pena de todas as penas, nada obstará a que confessássemos francamente as nossas tendências bolchevistas, se acaso elas caracterizassem os nossos ideais. Estamos aqui no exercício de uma missão que é, essencialmente, de propaganda. Para fazer a propaganda de uma ideia é necessário expô-la inteiramente, profundamente. A sermos bolchevistas já desta doutrina teríamos feito o rascão de elogio, pondo em plano inferior a organização sindicalista. Ora a verdade é que, nas nossas referências à constituição política da Rússia apenas nos temos preocupado em restabelecer a verdade dos factos, a desmentir muita infâmia, muita calúnia de que a imprensa burguesa se faz eco. A respeito da revolução russa temos publicado muitos depoimentos, colhidos em fontes que nos merecem crédito, e muitos pareceres de criaturas que reputamos honestas e dignas de apreço. E não poderíamos dizer quem habitualmente nos dá que só a pareceres e depoimentos abertamente favoráveis tenhamos dado publicidade. Queremos nós também quantas vezes o temos afirmado! — fazer a revolução emancipadora, derrubar a tirania e a tirania, restabelecer a igualdade económica, abolir privilégios, libertar os esprelhados. Simplesmente, esta revolução, tal como a ambicionamos e visionamos, não se assemelha à revolução russa, nem nos fins, nem nos meios.

Somos agitadores de ideias, somos bolchevistas, se quisermos, por pretendemos derruir a organização social existente. Mas, bolchevistas acérrimos dos 21 pontos de Moscú, não o somos. Vamos mais além. Queremos mais. Alvejamos mais longínquos horizontes.

Honra-nos sobremaneira o facto de não estarmos de acordo, em processos e fins, com *O Jornal* e a sua gente. O contrário é o que seria para lamentar. *O Jornal* honra-nos muito não nos considerando da sua grei, porque, de facto, o não somos. Não agitamos a multidão contra o ministro A ou o ministro B para defender interesses de grupos financeiros, escrevendo a tanto a linha.

E' verdade que, por tal motivação, não leva *A Batalha* vida de esfafogada. Mas somos limpinhos de mãos e de consciência. Outro tanto não poderão dizer com veracidade das empresas jornalísticas, devendo escolher para esse efeito

NOTAS & COMENTÁRIOS

Em Itália

Um telegrama especial que o órgão dos industriais da imprensa italiana ontem diz-nos que os *fascisti* (*O Jornal* escrevia *fascisti*) haviam pagado fogo, talvez por uma simples questão de patriotismo e tolerância, às instalações do jornal operário *Il Lavoratore*, as quais se encontravam transformadas numa verdadeira fortaleza, com trincheiras e barricadas. Também apetrechamento bélico dentro dum edifício de obra de pôr os cabelos em pé a uma pessoa. O caso é que a polícia conseguiu penetrar no edifício, vencendo heroicamente as trincheiras e barricadas, e prendendo o director do jornal, colaboradores, tipógrafos e outros pessoas que se lhe deram. Isto foi: os *fascisti* e que incendiaram e os do jornal incendiado é que foram presos. Fiamos-nos pouco na veracidade dos telegramas *especiais* recebidos pelo *Jornal*. Dado porém que ele expõe a verdade dos factos, como classificá-lo os burgueses e o procedimento dos operários se eles amanhã se lembrarem de largar fogo às propriedades dos ricos, num compreensível gesto de *révanche*?

Aqueles bárbaros...

Uma pequena cidade da Rússia dos Soviéticos, Ivanovo-Voznesensk, concebeu e começou já a efectivar a ideia de introduzir a iluminação eléctrica nas habitações operárias. Os materiais precisos escasseiam. Mas como quer que poder, já 500 casas de trabalhadores se iluminam electricamente por meio de 1.500 lâmpadas. Tam depressa entre a funcionaria a estação da fábrica Gorielin, três vezes mais poderosa que a estação municipal, a iluminação eléctrica em todas as casas operárias será um facto. Assim, gozarão os trabalhadores da Rússia de comodidades que raros dos seus camaradas europeus usufruem.

Estas notícias gratas publicamos-as aqui, não porque sejamos bolchevistas, mas porque amamos a verdade. Colhemolas de uma fonte segura, que não ocultamos: a *Revista Hebdomadária de la Presse Russe*, chegada às nossas mãos por meio da agência *Rosta-Wien*.

A última

Como quer que esta guerra de quatro anos fosse a última, sucedem-se em toda a parte os experimentos de novos engodos mortíferos. No campo de Vivennes, perto de Liège, electuraram-se há semanas as experiências do canhão Delamar-Mage. O mazarulho tem um alcance três vezes superior ao dos canhões seus antecessores. Já depois disto se fizeram experiências de novos sistemas de hidroplanos, aperfeiçoadíssimos. Os resultados foram óptimos. E a canibal burguesa, ainda não saciada de sangue, estrega as mãos jubilosamente.

Pensamento

Ah povo! Onde os teus chefes estão já? Fita os olhos em teu redor: estás quasi isolado e só. Os teus ídolos prostraram-se aos pés doutra divindade: o ouro. — Pi y Margall.

Imposto sobre pianos

A classe musical reúne na próxima segunda-feira, pelas 13 horas, na sede da sua Associação, para tomar conhecimento dos trabalhos realizados pela direcção junto do ministro das finanças, afim de serem feitas do pagamento do imposto últimamente lançado sobre os pianos os profissionais desse instrumento.

AMANHÃ:

O Japão e a próxima guerra

Artigo de Hamon

A GREVE

TRABALHADORES DOS JORNAIS

A falta de argumentos...

A despeito dos esforços que as empresas jornalísticas têm realizado no intuito de abrir brecha nas fileiras dos grevistas, estes mantêm-se unidos como na primeira hora, bem dispostos a responder com a mais firme solidariedade às intrigas dos seus adversários, que, incapazes de lutar lealmente, continuam a lançar mão de expedientes indecorosos, na ânsia de esmagar os trabalhadores dos jornais, que muito tempo resistirão já, muito mais há de resistir.

Conforme dizemos noutro lugar, os industriais do jornalismo proseguem nas suas campanhas torpes, mentindo desabaladamente, como ainda ontem o faziam em *Jundo*, no seu órgão, o que quer dizer que lhes escasseiam argumentos sólidos para combater os seus opositores, que, havendo-o atacado por vezes com vivacidade, não tiveram necessidade, para esse efeito, de afastar-se do recto caminho. Há neste procedimento dos grevistas tanto de elevação como há de degradante no dos seus adversários.

Aos gráficos grevistas

Os grevistas mais necessitados de auxílio monetário devem comparecer hoje, das 15 às 17 horas, no gabinete da Associação dos Compositores Tipográficos a fim de receberem o subsídio que lhes cabe, e quaisquer camaradas naquelas condições que ainda se não tenham inscrito podem fazê-lo das 13 às 14.

O que diz a imprensa operária

O nosso prezado colega *O Sul e Sueste*, que por motivo da recente greve esteve suspenso, no número com que faz a sua re-partição diz o seguinte acerca do movimento dos trabalhadores dos jornais:

Declaramos-se em pleno estado de guerra com os industriais da imprensa de Lisboa, atirando a greve os jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

trabalhadores de um processo dialéctico de Janeiro a Janeiro, a greve dos jornalistas, reporteiros, revisores, compositores, distribuidores, etc. Em gesto de inimitável solidariedade e ao mesmo tempo, numa explícita manifestação de consciência proletária, todos os

A arte e os artistas

A primeira exposição de Luís

**** Varela Aldemira ****

Nós, crítico, temos obrigação de examinar com calma, bater sem piedade, porque a piedade não é uma expressão de justiça — e elogiar sem retórica, para não empanar o brilho da verdade.

Tentamos sempre seguir esta linha de conduta, que é a moral do crítico, e talvez por esse motivo nos preocupamos bastante com tudo o que a pintura encerre de moral.

Desencanamos esta espécie de aviso porquanto, a par das impressões agradáveis que trouxemos da exposição do sr. Varela Aldemira, algumas referências desagradáveis temos que emitir. Se não conhecemos a pintura de Columbano Bordalo Pinheiro, ao contemplarmos os quadros do seu discípulo sentiríamos, decerto, um assombro inextinguível. Tanto a amenidade da cor como a perfeição da técnica, seriam, para nós, objecto da mais alta admiração, dos mais rasgados elogios. Sabedores, porém, da origem dessa cor e dessa técnica, sentimos que a nossa admiração não sobre tam alto que toque o aplauso delirante.

Temos, portanto, obrigação de examinar com calma. O sr. Varela foi, enquanto aluno da Academia, o melhor discípulo de Columbano, o que não perdía um único conselho, o que media cautelosamente as suas pinceladas pelas do mestre, o que sentindo a inferioridade do seu próprio temperamento, sufocava as inclinações espontâneas, pedía aos olhos que não vissem e à mão que não executasse, se não o que os olhos a mão do mestre viam e executavam. Varela Aldemira chegou, assim, a ser a perfeita encarnação de Columbano, a imagem viva de Columbano. Simplesmente este era grande porque era ele, espontâneo, natural; Varela era pequeno, porque era uma cópia; os seus trabalhos seriam talvez os melhores trabalhos de Columbano, vistos por um binóculo ao invés.

Nós, crítico, temos que examinar com calma. Relatando estes factos, não somos animados por qualquer interesse pessoal, porque não somos amigos nem do mestre nem do discípulo. Sob o ponto de vista educativo da questão, colocamos o mestre e o discípulo no mesmo plano. Nem o discípulo soube defender a sua personalidade, que a tem, nem o mestre soube respeitá-la.

Até às últimas exposições da Academia, onde Varela expôs, nunca demos verdadeiramente pela existência deste pintor; vimos sempre o pensamento de Columbano materializado, por não que não era a sua. Hoje mesmo, por pouco não diríamos como Boss disse de Cristo: «Varela Aldemira nunca existiu!»

Mas descanse o sr. Varela. Não chegaremos a tal exagério. Convença-se de que existe. Se alguns das frases desagradadas ao atingido, a culpa não é nossa: é um pouco do sr. Varela e um pouco do sr. Columbano. Se batemos sem piedade neste ponto da questão, foi porque quisermos ser justos, primeiramente; e em segundo lugar, porque nos achamos obrigados a chamar a atenção de todos os mestres e discípulos de pintura para um erro em que frequentemente caem:

M. D.

AS GREVES

Em Viana-do-Castelo

Operários da Construção Civil

Uma nota da F. N. C. C.

Continuam em greve os operários da construção civil de Viana-do-Castelo, em virtude de não terem sido atendidas as suas reclamações de aumento de salário, nas quais já transigiram no intuito de ser solucionado o conflito.

Não o entendem assim os industriais, que preferem procurar operários noutras localidades oferecendo-lhes salários fabulosos, mas não o tem conseguido, apesar de tudo.

Trabalhadores marítimos do Porto

Informam-nos da Arcada que, em vista de se ter declarado a greve dos marítimos no norte, foi mandada seguir para ali a canhoneira *Ibo*.

| Banco Lisboa & Acores

Sociedade Anônima de Responsabilidade Limitada
Capital Esc. 4.500:000\$00
DIVIDENDO DO 2.º semestre de 1939

Tendo-se cumprido a formalidade prescrita no Artigo 4.º de L.º n.º 1.043 de 31 de Agosto de 1926, está a pagamento desde o dia 10 de Fevereiro corrente, na razão de 11. 1/2 %, ou sejam Esc. 1150 por accção livre de impostos.

EM LISBOA—na Sede—Rua Avren n.º 8
NO PORTO—na Agência—Rua Horta Clara n.º 48.

Lisboa 9 de Fevereiro de 1939
Pelo Banco Lisboa & Açores.

Os Directores
Fernando Arjos.
E. C. de Mendonça.

Casa da Sorte

DE
NUNES & PINTO
Rua da Bica do Sapato 16
1632
40.000\$00
vendidos em vigéssimos

**Ministério da
Agricultura**
Direcção Geral do Comércio
Agrícola
Venda de sacaria usada
No dia 14 do FEVEREIRO, pela

As condições de venda estão patentes no referido Armazém todos os dias úteis, das 11 às 15 horas.

Direcção Geral do Comércio Agrícola em 9 de Fevereiro de 1921.

O Director Geral,

(a) Joaquim Gomes de Sousa Balford

Aos Ferroviários
da Companhia Portuguesa

Hipólito e Artur da Silva com afiliação na rua do Marçal Saldaña, 22 e 24, a Calhaz, participam nos ex.º empregados que, sendo fornecedores da mesma companhia, esperam receber as suas estimáveis ordens, o que muito agradecemos.

Companhia dos Caminhos
de Ferro Portugueses

LEILÃO

Em 25 do corrente e dias seguintes, às 11 horas, por intermédio dos Agentes de Leilões Sr. Casimiro Coutinho de Castro & S.º Filho, Succesores, na estação de esta Companhia em Lisboa, Casa dos Soldados, em virtude do Ato do Público A. nº 2 de Fevereiro de 1920, o do Artigo 112.º da Tarifa Geral, proceder-se-á à venda de toda a massa public de todas as remessas e lucros nas respectivas praças bem como de outros volumes não recimizados.

As Ações e quotas e respectivos com-
partimentos, de que poderão ainda retirar-se
pagando o seu debito á Companhia, para
os seus respectivos A.ºs e R.ºs de Recupera-
ções e Integridades na estação de
Casa dos Soldados, todos os dias até as
10 horas da referida massa corrente iniciam-se,
de 10 às 16 horas.

Lisboa, 2 de Fevereiro de 1921.—Pelo Diretor
da Companhia: — Greenfield de
Melo.




Não me ralo!
Ven ali à **CHAPELARIA LUZITANA**, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e dumha solides capaz de resistir a todos os raios.
CHAPELARIA LUZITANA
Rua Arco Marquês do Alegrete, 55-51
LISBOA

FERRAMENTAS

pes & C. L.

loes (central) 2778 e 3478
gramas Ferrame

para todos os ofícios
qualidades, chapas de ferro,
diversas

Julião, 23
do Almada, 1, 3 a 7
BOA